

Artistas que trabalharam para a Companhia de Jesus na concepção e na feitura de retábulos

Francisco LAMEIRA

Na presente comunicação são abordadas algumas questões respeitantes à concepção e à feitura dos retábulos dos séculos XVII e XVIII existentes nos locais de culto administrados pela Companhia de Jesus no Mundo de Expressão Portuguesa, nomeadamente em Portugal continental e nos restantes territórios ultramarinos (Madeira, Açores, Brasil, Angola, Moçambique e Índia).

Evidenciam-se, no entanto, as situações em que se assiste à mobilidade dos artistas e/ou das suas obras.

a) Portugal continental

Os padres da Milícia implantaram-se por todo o país. Se exceptuarmos as dioceses de Leiria e Viseu, existiram estabelecimentos da Companhia de Jesus distribuídos por todos os bispados. Maioritariamente estavam sediados nas sedes de assento episcopal (Lisboa, Braga, Porto, Coimbra, Évora, Elvas, Portalegre e Faro). Nos centros urbanos mais importantes podiam existir mais do que um estabelecimento, sobressaindo Lisboa, capital do Reino e a cidade mais populosa, que chegou a ter seis.

Convém referir que nem todos os retábulos existentes nos templos administrados pela Companhia de Jesus resultaram da encomenda directa dos responsáveis por esses estabelecimentos. Os exemplares localizados nas capelas laterais surgiam normalmente da iniciativa das Congregações ou Irmandades aí sediadas ou então de instituidores particulares que adquiriam o usufruto dessas capelas para sepultura do seu corpo e dos seus familiares mais próximos.

Atendendo a que em todo o país havia múltiplas oficinas de profissionais competentes quer na concepção de *riscos*, quer na feitura de retábulos, os jesuítas recorreram por sistema à mão-de-obra disponível nos centros produtivos onde estavam sediados, em particular aos mestres mais competentes.

Maioritariamente preferiram retábulos de madeira entalhada e dourada, utilizando na maioria das situações, quer o bordo importado da Flandres, quer o castanho de origem nacional. Em menor número e exclusivamente na região da Estremadura, influenciados pelas normas oriundas da sede da cristandade, optaram também pela pedraria policroma, assistindo-se excepcionalmente à importação de retábulos de Roma. Os dois exemplares identificados destinaram-se à igreja de São Roque de Lisboa, tendo sido ambos custeados por instituidores particulares, o da capela da Santíssima Trindade pelo fidalgo Lourenço Pires de Carvalho¹ e a capela de São João Baptista pelo rei D. João V. A questão dos mate-

* Universidade do Algarve.

¹ O sítio dela deram também os Padres de São Roque graciosamente a Gonçalo Pires Carvalho e a sua mulher Dona Camila de Noronha, mui devotos ambos da Companhia e da Casa de São Roque, os quais ornaram a dita capelinha

riais a utilizar nos retábulos chegou inclusivamente a dividir os padres da Companhia. Convém lembrar a polémica surgida a este respeito nos finais do século XVII quando se mandou construir o retábulo da capela-mor da igreja do Colégio de Santo Antão-o-Novo em Lisboa. Entre eles surgiram então dois grupos opositores: por um lado, os partidários da madeira entalhada e dourada, por outro, os defensores da pedraria policroma, acabando por vencer o grupo mais próximo dos modelos romanos². Curiosamente o trono piramidal em degraus colocado no interior do camarim acabou por ser em madeira entalhada e dourada. Esta solução de coexistência de ambos os materiais acabou por ter grande aceitação, não só nos templos da Companhia, mas também junto de clientelas mais esclarecidas e de maiores recursos financeiros.

De entre as dezenas de profissionais conhecidos que trabalharam para a Companhia de Jesus, quer na concepção de *riscos*, quer na feitura de retábulos de madeira entalhada ou de pedraria policroma, apontamos somente aqueles que tiveram que se deslocar do seu local de origem ou que executaram trabalhos em templos situados fora do centro urbano onde tinham a sua oficina.

Na Estremadura:

– António Martins Calheiros, mestre entalhador com oficina aberta em Lisboa, executa um retábulo para a igreja do Colégio de Santarém³.

– António de Pádua, escultor e arquitecto italiano sediado em Lisboa, executa dois retábulos de pedraria, um para a igreja do Colégio de Santarém, e outro para a capela da Quinta de Santa Bárbara, no termo de Punhete, actual Constancia⁴.

– Carlos Baptista Garvo, mestre pedreiro milanês sediado em Lisboa, faz a *traça* do retábulo-mor da igreja do Colégio de Santarém⁵.

– Claude Laprade, escultor e mestre entalhador francês sediado em Lisboa, executa por certo alguns trabalhos para a Companhia, incluindo provavelmente um retábulo para a igreja do Colégio de Santarém.

– João Frederico Ludovice, ourives e mais tarde arquitecto régio, serve de interlocutor do rei D. João V na obra da capela de São João Baptista sita na igreja da antiga Casa Professa de São Roque⁶. Atribuem-se igualmente vários *riscos* de retábulos destinados a templos da Companhia de Jesus⁷.

– Luigi Vanvitelli e Nicolas Salvi, arquitectos italianos com oficina em Roma, concebem e dirigem a referida capela de São João Baptista.

– Manuel Álvares, mestre entalhador sediado em Lisboa, ajusta e executa dois retábulos para a igreja do Colégio de Santarém⁸.

– Manuel Francisco, mestre entalhador com oficina em Lisboa, ajusta um retábulo para a igreja do Colégio de Elvas⁹.

com um rico retábulo de pedras mui finas e perfeitas, com as quais foi lavrado em Roma e assim veio a ficar esta capelinha muito linda (História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa (1708), Lisboa, 1950, p. 251).

² De referir que pediram *riscos* a dois profissionais diferentes, um arquitecto e um entalhador.

³ Ayres de Carvalho, *D. João V e a arte do seu tempo*, Lisboa, 1962, II vol., pp. 236 a 238.

⁴ Luis Montez Mattozo, *Ano Noticioso e Histórico*, Lisboa, 1938, 2.º vol., pp. 44 e 45.

⁵ Ver nota 3.

⁶ Sousa Viterbo e Vicente de Almeida, *A Capela de São João Baptista erecta na igreja de S. Roque*, Lisboa, 1902, p. 80.

⁷ Ayres de Carvalho, *Op. cit.*, p. 228.

⁸ Vítor Serrão, *História da Arte em Portugal. O Barroco*, Lisboa, 2003, p. 108.

⁹ Vallecillo Teodoro, *Retablistica Alto Alentejana (Elvas, Villaviciosa y Olivenza) en los siglos XVII-XVIII*, Mérida, 1996, pp. 149, 188, 311 e 312.

– Matias Rodrigues de Carvalho, mestre entalhador com oficina em Lisboa, executa um retábulo para a igreja do Colégio de Jesus em Coimbra¹⁰ e remodela um retábulo da igreja do Colégio de Santarém, mais exactamente o que fora executado alguns anos antes pelo seu colega António Martins Calheiros¹¹.

– Vicente Soares, Manuel Rodrigues e António Pereira, mestres pedreiros sediados em Lisboa, ajustam um retábulo para a igreja do Colégio de Santarém¹².

Entre-Douro-e-Minho:

– Ambrósio Pereira, mestre entalhador com oficina em Ruivães – Famalicão, então termo de Barcelos, executa um retábulo para igreja do Colégio de São Paulo de Braga¹³.

– António Pereira, mestre entalhador com oficina em Ruivães – Famalicão, então termo de Barcelos, ajusta um retábulo para a igreja do Colégio de São Lourenço no Porto¹⁴.

– Domingos da Costa, mestre entalhador com oficina em Requião, termo de Barcelos, ajusta um retábulo para igreja do Colégio de São Paulo de Braga¹⁵.

– Francisco Correia, mestre entalhador com oficina em Requião, termo de Barcelos, executa dois retábulos para a igreja do Colégio de São Lourenço no Porto¹⁶.

– Gabriel Rodrigues, mestre entalhador sediado no Couto de Landim, anula uma obra (eventualmente um retábulo) que ajustara para a igreja do Colégio de São Paulo de Braga¹⁷.

– Luís Vieira da Cruz, mestre entalhador bracarense, ajusta dois retábulos para a igreja do Colégio de São Lourenço no Porto¹⁸ e dois retábulos colaterais para a igreja de Santa Maria de Cárquere, concelho de Resende e bispado de Lamego¹⁹.

– Miguel Coelho, mestre entalhador com oficina em Barcelos, ajusta um retábulo para a igreja do Colégio de São Lourenço no Porto²⁰. Serve de fiador e colaborador na feitura de um retábulo para a igreja de Mazedo, no concelho de Monção²¹.

– Tomé de Araújo, mestre entalhador com oficina aberta em Braga, ajusta um retábulo para a referida igreja de Mazedo, no concelho de Monção, em que o citado Miguel Coelho serve de fiador e colaborador.

No Alentejo:

– Francisco Machado, mestre entalhador originário de Lisboa mas que fixa a sua oficina em Évora. Para além dos retábulos que executa nos estabelecimentos da Companhia

¹⁰ José Feitor, "O retábulo da capela de São Francisco Xavier do antigo Colégio de Jesus de Coimbra e o escultor lisboeta Matias Rodrigues de Carvalho", *Munda*, n.º 29, Coimbra, 1995, pp. 19 a 25.

¹¹ Sílvia Ferreira e Maria João Pereira Coutinho, "Com toda a perfeição na forma que pede a arte: a capela do Santíssimo Sacramento da igreja de São Roque de Lisboa. A obra e os artistas", *Artis. Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa*, n.º 3, 2004, p. 282.

¹² Ver nota 3.

¹³ Eduardo Oliveira, *O edifício do Convento do Salvador*, Braga, 1994, p. 108.

¹⁴ Pinho Brandão, *Obra de talha dourada, ensambagem e pintura na cidade e diocese do Porto*, Porto, 1986, III vol., p. 126.

¹⁵ Eduardo Oliveira, *Braga. Percursos e memória de granito e ouro*, Braga, 1999, p. 139.

¹⁶ Pinho Brandão, *Op. cit.*, III vol., pp. 126 e 336.

¹⁷ Eduardo Oliveira, *O edifício do Convento do Salvador*, p. 110.

¹⁸ Pinho Brandão, *Op. cit.*, Porto, 1985, II vol., pp. 220 a 223 e Aurélio de Oliveira, "Documentos e memórias para a história do Barroco bracarense", *Bracara Augusta*, Braga, 1995-1996, 46 (111-112), pp. 401 e 402.

¹⁹ Eduardo Oliveira, *Os alvares do Rococó em Guimarães e outros estudos sobre o barroco e o rococó do Minho*, Braga, 2003, p. 308.

²⁰ Pinho Brandão, *Op. cit.*, II vol., p. 513.

²¹ Documento inédito cedido gentilmente por Eduardo Pires de Oliveira.

nesta última localidade, é ainda responsável por dois retábulos da igreja do Colégio de Vila Viçosa²².

– Inácio Carreira, mestre entalhador sediado em Évora, ajusta um retábulo para a igreja do colégio de Elvas²³.

No Algarve:

– João Tomás Ferreira, mestre entalhador sediado em Lagos, ajusta um retábulo para a igreja do Colégio de Portimão²⁴.

– Manuel Martins, mestre entalhador fareense, executa três retábulos para a igreja do Colégio de Portimão²⁵.

b) Madeira e Açores

Nas ilhas atlânticas os jesuítas fundaram quatro colégios: um na Madeira (no Funchal) e três nos Açores, um na ilha Terceira (em Angra), outro no Faial (na Horta) e o terceiro em São Miguel (em Ponta Delgada).

Atendendo a que nestas ilhas havia algumas oficinas de entalhe dirigidas por mestres aí residentes, foram eles que, na maioria das situações, executaram os retábulos ainda hoje existentes nos templos da Companhia. Parece-nos, no entanto, que em ocasiões específicas recorreram a oficinas de entalhadores originárias de Lisboa. Por exemplo na primeira metade do século XVIII alguns retábulos denotam a presença de profissionais oriundos da Corte, quer na igreja do Colégio de Todos-os-Santos em Ponta Delgada, quer na igreja do Colégio de São Francisco Xavier na Horta.

Todos os retábulos sobreviventes são em madeira, utilizando-se quer o bordo originário da Flandres, quer madeiras locais, na Madeira preferencialmente o castanho e nos Açores o cedro. Exceptuando, nos Açores, alguns exemplares que se encontram sem qualquer policromia, os restantes são dourados.

Em relação à identidade dos mestres entalhadores que trabalharam para os padres da Milícia só se conhecem nomes para a ilha da Madeira. Apesar de não haver comprovação documental, os retábulos da igreja do Colégio do Funchal têm sido atribuídos²⁶ a Manuel Pereira e ao seu sobrinho Manuel Pereira de Almeida. Para os Açores não se conhece a identidade de nenhum mestre, incluindo os eventuais dois profissionais oriundos de Lisboa. Acresce referir que nestas ilhas a mobilidade dos entalhadores é prática corrente atendendo à proximidade entre elas e ao grande afastamento quer da metrópole, quer da ilha da Madeira.

c) Brasil

*Os padres da Companhia de Jesus espalharam-se por todo o território das capitanias, quer nas vilas e cidades de fundação régia e governamental, quer em aldeamentos erigidos por eles próprios*²⁷.

²² Vallecillo Teodoro, *Op. cit.*, pp. 149, 151 e 241 a 245.

²³ Túlio Espanca, "Nova Miscelânea", *A Cidade de Évora*, n.º 67-68, 1984-1985, p. 114.

²⁴ Francisco Lameira, "Documentos para a história do barroco no Algarve", *Anais do Município de Faro*, n.º XXXI-XXXII, 2001-2002, pp. 230 a 232.

²⁵ Francisco Lameira, *A Talha no Algarve durante o Antigo Regime*, Faro, 2002, pp. 242 e 243.

²⁶ Rui Carita, "A Companhia de Jesus e a talha protobarroca na Madeira. A oficina de Manuel Pereira dos meados do século XVII", *Actas do V Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte*, Faro, 2002, pp. 313 a 326.

²⁷ Pedro Dias, *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822) O Espaço do Atlântico*, Lisboa, 1999, p. 377.

Atendendo a que não havia mão-de-obra local especializada na feitura de retábulos e que os mestres portugueses aí sediados eram em número restrito e estavam bastante ocupados, os jesuítas acabaram por ser auto-suficientes, recorrendo aos profissionais existentes na sua instituição. Nos principais centros urbanos dispunham de irmãos entalhadores oriundos da Europa, na sua grande maioria provenientes dos dois grandes centros produtivos de Portugal continental (Entre-Douro-e-Minho e Estremadura). Excepcionalmente recorriam a profissionais de outras nacionalidades, apontando-se a título de exemplo o entalhador João Rubialtti, natural de Milão²⁸. Nos aldeamentos por eles criados, nomeadamente nos mais afastados dos principais centros, utilizavam mão-de-obra indígena a quem tinham ensinado a profissão. São estes nativos que estão na origem das escolas crioulas²⁹.

Assim na igreja do aldeamento de São Lourenço dos Índios de Niterói o retábulo principal, ainda subsistente, foi executado pelos irmãos entalhadores de origem portuguesa sediados na vizinha cidade do Rio de Janeiro. Por sua vez os retábulos colaterais da capela paulista de Santo António, no município de São Roque, são da responsabilidade dos irmãos nativos.

Convém ainda referir que os padres da Milícia excepcionalmente importaram retábulos da Europa. Como exemplo refere-se o exemplar de mármore policromos de Nossa Senhora da Conceição existente na sacristia da referida igreja do antigo Colégio de Salvador, comprado provavelmente em Itália pelo irmão Manuel Luís. Este último deslocara-se a Lisboa para comprar mármore para a igreja, acabando por ir a Roma na companhia do Padre Vasconcelos, de onde enviou dois púlpitos de pedraria³⁰.

Em relação aos materiais empregues nos retábulos, à semelhança do que ocorria na metrópole, regista-se a preferência pela madeira³¹. Por sua vez os materiais pétreos eram pouco utilizados na feitura de retábulos, sendo possível distinguir duas situações possíveis: a utilização de mármore policromos no já referido retábulo importado de Roma e o uso de calcários brasileiros, nomeadamente da região de Olinda.

De pleno acordo com a opinião de Pedro Dias³², os três retábulos pétreos da igreja do antigo Colégio de Jesus de Olinda foram executados em pedra calcária do solo olidense, o da capela-mor (desaparecido num incêndio em 1631 durante a invasão holandesa) e os dois colaterais (ainda subsistentes) podendo-se atribuir a sua feitura a um irmão leigo, mestre pedreiro, de identidade desconhecida.

Sem ter a preocupação de apresentar a listagem de entalhadores já identificados, nomeadamente por Serafim Leite, limitamo-nos a indicar a identidade dos mestres que assumiram a feitura dos retábulos e eventualmente a concepção dos *riscos*:

²⁸ Idem, *Ibidem*, p. 384.

²⁹ A questão do hibridismo acentua-se como é evidente nos locais onde é mais intensa a participação dos artistas nativos, no entanto ela também é visível nos principais centros urbanos, nomeadamente no vocabulário decorativo, mais permeável à progressiva integração dos irmãos de origem europeia nos hábitos culturais brasileiros. A título de exemplo refere-se a ornamentação das portas do santuário do retábulo da capela das Virgens Mártires na igreja do antigo Colégio do Salvador da Baía, actual Sé, onde se vêem frutos tropicais, nomeadamente cajús e cacau.

³⁰ Pedro Dias, *Op. cit.*, p. 383.

³¹ Por exemplo os retábulos da igreja do Colégio do Rio de Janeiro, actualmente colocados na igreja de Nossa Senhora do Bom Sucesso, são de freijó ou louro amarelo, espécie vegetal abundante na bacia amazónica (Lúcio Costa, "A arquitectura dos Jesuítas no Brasil", *Revista do Património Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, 1941, p. 132).

³² *Op. cit.*, p. 460.

João Correia

Profissional já por nós abordado³³.

Domingos Trigueiros

Originário de Ponte de Lima, responsável pela maioria dos retábulos da já referida igreja do antigo Colégio de Salvador³⁴. Este mestre entalhador manteve-se em actividade no Colégio de Salvador da Baía, dirigindo uma oficina com vários profissionais, até à data da sua morte em 1732³⁵.

Manuel Marcos

Foi responsável pelo retábulo da capela-mor da igreja do Colégio de São Luís do Maranhão, obra concluída em 1693³⁶.

d) Angola e Moçambique

Nestes dois territórios os colégios da Companhia restringiram-se aos dois principais centros urbanos então existentes, um em Luanda e outro na ilha de Moçambique.

Uma vez que neles não havia mão-de-obra especializada na concepção de *riscos* nem tão pouco na feitura de retábulos, a solução escolhida foi a de importar exemplares de outros locais. Deste modo o retábulo-mor da igreja do Colégio de Luanda foi encomendado a profissionais estabelecidos em Lisboa e o retábulo da capela-mor da igreja do Colégio de São Paulo na ilha de Moçambique foi executado numa oficina de entalhe da Índia Portuguesa, seguramente de Goa.

Se no primeiro exemplar se recorre a pedraria policroma, no segundo é utilizada madeira. Em ambos os casos foi no entanto necessário que profissionais oriundos do local de feitura se deslocassem a estes dois templos, quer para assentar os retábulos, quer para aplicar o tratamento final, isto é o polimento no retábulo de pedraria e o douramento no exemplar de madeira entalhada.

Em relação à identidade dos artistas responsáveis pela concepção dos *riscos* e pela feitura dos retábulos em questão não se conhecem quaisquer dados documentais. Se para o exemplar moçambicano não é possível avançar com algum nome, uma vez que se desconhece a identidade das oficinas de entalhe que trabalharam na época barroca nos territórios indianos de expressão portuguesa, já para o exemplar angolano poderíamos apontar os vários profissionais com oficina aberta em Lisboa nos finais do século XVII e nos princípios de setecentos que tinham experiência na feitura de retábulos de pedraria. A título de exemplo aponta-se o caso do mestre entalhador José Rodrigues Ramalho que em 1693 executa o *risco* de uma capela de pedraria destinada ao Ultramar³⁷ e que na opinião de

³³ Francisco Lameira e Vítor Serrão, "O mestre ensamblador João Correia (1614-1673) e a talha protobarroca no Brasil", *Actas do V Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte*, pp. 347 a 355.

³⁴ Devem ser da sua autoria o retábulo da capela interior ou doméstica do mesmo Colégio, exemplar destruído num incêndio em 1905 e oito retábulos deste templo, exceptuando o da capela-mor, os dois retábulos relicários da invocação dos Santos Mártires e das Virgens Mártires, e provavelmente os dois retábulos das capelas de São Francisco Xavier e de Santo Inácio, que já adoptam o formulário do Barroco Final.

³⁵ Pedro Dias, op. cit., p. 462.

³⁶ Pedro Dias, op. cit., p. 391.

³⁷ Ayres de Carvalho, "Novas revelações para a História do Barroco em Portugal", *Belas-Artes*, Lisboa, 1964, 2ª série, n.º 20, 1964, p. 27.

José Meco poderia ser o referido retábulo da capela-mor da igreja do Colégio da Companhia de Jesus de Luanda³⁸.

e) Índia

A Companhia de Jesus foi a ordem religiosa que mais institutos fundou em toda a Ásia, e particularmente na Índia³⁹. Dos diversos edifícios jesuítas que sobrevivem⁴⁰, alguns contêm interessantes retábulos, cuja análise nos permite tecer breves considerações.

O pragmatismo dos responsáveis religiosos assistentes na Índia e particularmente dos padres da Milícia determinou em grande parte a realidade produtiva respeitante à feitura de retábulos. Atendendo à disponibilidade de mão-de-obra indígena, que possuía uma secular tradição na arte do entalhe de madeira, não se justificava empregar nesta região os irmãos entalhadores angariados em Portugal continental e que tão necessários eram no Brasil, nem tão pouco despender elevados recursos financeiros na deslocação de mestres entalhadores europeus, portugueses ou eventualmente italianos⁴¹.

A solução mais adequada era então converter ao cristianismo profissionais nativos que fossem entalhadores, proibindo-se em contrapartida que os gentios não-cristãos fizessem obras sacras. Pedro Dias conta a este respeito um episódio interessante: *Em 1591, os jesuítas de Cochim acabaram o seu monumental púlpito, entalhado por um hindú que prometeu converter-se, dado que, tendo adoecido dos olhos, e invocado Santa Luzia por insistência dos padres da Companhia, curou-se rapidamente*⁴². Esta proibição não teve efeitos práticos a tal ponto que, em 1606, o V Concílio teve que alterar as normas, abrindo exceções, caso não houvesse artistas cristãos (...) mas os gentios deviam deslocar-se e trabalhar nas casas ou instituições dos cristãos⁴³.

Se nos territórios da cidade e das imediações de Goa era possível encontrar um maior número de entalhadores nativos convertidos ao cristianismo, já o mesmo não acontecia nas localidades mais afastadas. A solução foi então recorrer a profissionais hindús, cujo imaginário estava menos habituado à iconografia cristã, justificando-se deste modo que o entalhe dos retábulos de Damão e Diu se afaste mais dos modelos europeus.

Já no respeitante à concepção dos *riscos* assiste-se a duas situações distintas. Por um lado o recurso a exemplares oriundos da Europa, particularmente de Portugal continental, registando-se contudo algumas situações pontuais que denotam origem italiana. Por outro lado, a utilização de *riscos* executados por tracistas luso-indianos.

Da convergência destas duas situações (o uso de *riscos* europeus e de exemplares luso-indianos e a interpretação mais ou menos controlada pelos responsáveis religiosos da mão-de-obra indígena, alguns deles convertidos ao cristianismo) resulta o forte carácter dos retábulos, dos púlpitos e dos revestimentos parietais em talha.

³⁸ "A divina cintilação – Talha, Azulejos, Mármore, Chinoiserie", AA.VV., *O Convento dos Cardais. Veios de memória*, Lisboa, 2003, p. 131.

³⁹ Pedro Dias, "A construção da Casa Professa da Companhia de Jesus, em Goa", *Arte Indo-Portuguesa*, p. 173.

⁴⁰ A igreja da Casa Professa do Bom Jesus de Goa, a igreja do Espírito Santo de Margão, a igreja do Colégio de Rachol, a igreja do Colégio de São Paulo de Diu e a igreja matriz de Damão.

⁴¹ Apesar de não ser num templo jesuíta, convém referir a eventual presença de um mestre europeu em Goa na segunda metade do século XVIII, ocasião em que executa o púlpito da igreja do Colégio de São Boaventura – Ver Pedro Dias, *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822). O Espaço do Índico*, p. 300.

⁴² *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822). O Espaço do Índico*, p. 289.

⁴³ Pedro Dias, "Retábulos Indo-Portugueses da Renascença ao início do Barroco", *Arte Indo-Portuguesa*, p. 297.

Em relação aos materiais empregues nos retábulos refere-se o uso exclusivo de madeiras locais que posteriormente eram douradas e policromadas, exceptuando-se alguns exemplares que nunca chegaram a ser dourados.

A respeito da identidade dos entalhadores nativos, convertidos ou não ao cristianismo, não dispomos de quaisquer dados documentais elucidativos.

Para concluir pode-se afirmar que a Companhia de Jesus recorreu preferencialmente aos retábulos em madeira entalhada e dourada, sendo raras as situações em que preferiu a pedraria policroma. Em relação à mão-de-obra solicitou sempre que possível os artistas locais ou regionais, exceptuando nos principais centros urbanos brasileiros em que utilizou irmãos entalhadores de origem europeia e particularmente portuguesa.